

**IMPLÍCITOS E PRESSUPOSTOS:
A ANÁLISE DE LETRAS DE MÚSICA
ENTRE UNIVERSITÁRIOS**

Daniel de Andrade (UVA)
danielsantamariarj@gmail.com
Rodrigo Gomes (UVA)

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma análise dos implícitos presentes nas letras das músicas "O Meu Guri", de Chico Buarque (1981) e "Formato Mínimo", de Samuel Rosa (2003), sob a ótica de universitários do curso de letras de uma universidade privada do Rio de Janeiro. A análise teve como objetivo mapear o reconhecimento dos universitários com relação aos recursos estilísticos utilizados pelos autores, como implícitos e pressupostos. Foi criado pelos autores do artigo um questionário individualizado para cada letra de música, analisando a interpretação de cada entrevistado. A pesquisa qualitativa contou com a participação de sete universitários, os quais responderam aos dois questionários. O resultado mostra uma deficiência no reconhecimento de tais implícitos, contrapondo-se ao que se espera de estudantes de nível superior, aspirantes ao magistério. A análise teve como base os estudos desenvolvidos por Eliane Yunes (1995) no que diz respeito à leitura e a interpretação de texto, bem como as definições de Francisco Platão Savioli e José Luiz Fiorin (2001).

Palavras-chave: Implícitos. Pressupostos. Música. Interpretação. Leitura.

1. Considerações iniciais

A leitura e a interpretação de textos são assuntos correntes desde dissertações de mestrado a simples trabalhos acadêmicos. Trata-se de um problema crônico que profissionais da área da educação enfrentam todos os dias em sala de aula. A importância da discussão a respeito do tema se dá pelas consequências atribuídas à falta de leitura e deficiência na interpretação de textos. Segundo Eliane Yunes (1995) a escola vem formando cidadãos que conseguem ler um anúncio de "proibido fumar", mas que não são capazes de não fumar naquele local; cidadãos que leem "fila única", mas se amontoam mesmo assim, esperando uma chance de "furar fila".

Percebe-se, portanto, que a deficiência no entendimento do texto, seja ele de qual importância for, extrapola as paredes da escola. O problema se torna presente desde o entendimento de simples frases presentes em nosso dia a dia, até a análise de propostas de candidatos políticos, por exemplo. Desta forma, o presente artigo abordará o tema de leitura e in-

interpretação, não em sala de aula na escola, mas na universidade, com estudantes aspirantes ao magistério. Pois se o professor é um dos principais agentes na formação de bons e eficientes leitores, então há de se olhar com mais atenção à sua formação acadêmica.

Como afirma Eliane Yunes (1995), muitos professores de ensino básico não gostam de ler ou não encontram espaço em suas rotinas para tal atividade. Isso ocorre provavelmente pela falta de estímulo durante a formação básica desses indivíduos, que se tornam professores e passam a ter um papel fundamental na formação de novos leitores, porém eles mesmos não são bons leitores, como se espera. Muitos podem se perguntar se uma pessoa pode adquirir o hábito da leitura no decorrer da vida, mesmo não tendo sido apresentado aos livros enquanto criança. Percebemos que sim, existem exemplos de pessoas que descobrem o prazer da leitura depois de se tornarem adultos, durante a passagem pela universidade, por exemplo.

É nesse ponto que manteremos nosso foco, na análise da interpretação e percepção de textos e de seus operadores linguísticos por universitários do curso de letras de uma universidade privada do estado do Rio de Janeiro. A seleção dos entrevistados foi feita com base na afirmação do desejo de cada um em se tornar professor e trabalhar em sala de aula, tendo em vista que alguns optam pelo curso de letras, mas não desejam seguir carreira no magistério.

Ao tratarmos de operadores linguísticos, como pressupostos e implícitos usados como recurso estilístico, a escolha dos textos foi feita levando em consideração o tamanho do texto e sua riqueza linguística, a fim de que se pudesse obter o melhor resultado com relação à presença desses fenômenos da língua. Deste modo, a opção mais adequada para trabalharmos na pesquisa aqui apresentada foi a letra de música. Tendo em vista a vasta oferta presente em nosso país e o fato de universitários, em regra, terem apreço por música, duas letras de canções conhecidas foram selecionadas: "Formato Mínimo", de Samuel Rosa (2003) e "O Meu Guri", de Chico Buarque (1981).

Como um gênero textual, a música é aqui apresentada apenas no que diz respeito à parte que é expressa pelas palavras ou léxicos, falado, escrito ou cantado, excetuando-lhes a parte melódica, que não trataremos neste artigo. As letras de música são dotadas de possibilidades comunicativas, interacionais e de expressão. Elas carregam artifícios de linguagem

formal e informal, pressupostos, subentendidos, implícitos e explícitos, além de intenções amorosas, religiosas, culturais e etc.

Foram selecionados sete estudantes de letras, com aspirações ao magistério; a cada um deles foi entregue duas letras de música ("Formato Mínimo" e "O Meu Guri") com algumas perguntas a respeito do entendimento da história contada em cada letra de música. Os resultados obtidos chamam atenção para a falta de entendimento e reconhecimento de pressupostos e implícitos. O tempo utilizado para a formulação das respostas também revelam o pouco interesse e cuidado na análise do texto, levando-nos a observar a falta de profundidade nas respostas.

Segundo Eliane Yunes (1995) “vamos à escola ‘aprender a ler’ e saímos de lá detestando tudo que se relacione com ela: estudo, pesquisa, redação etc.”. A compreensão das letras de música é apenas uma entre a enxurrada de gêneros textuais escritos ou orais espalhados à nossa volta e que exigem interpretação e reconhecimento além da informação explícita. Levando em consideração o foco do trabalho aqui apresentado, os universitários, identificamos dificuldades no reconhecimento de implícitos e pressupostos, usados como recursos estilísticos pelos autores das letras de música.

2. Fundamentação teórica

As análises aqui apresentadas a respeito das letras de música partem de uma definição básica no que se refere a um texto: “Um texto possui coerência de sentido, o que significa que ele não é um amontoado de frases. Ao contrário, é um todo organizado de sentido” (SAVIOLI & FIORIN, 2001, p. 13). Essa definição nos serve como base principal, pois se trata de um marco introdutório em qualquer análise textual. No trabalho em conjunto dos professores citados acima, é possível perceber o quanto as definições básicas a respeito de um texto são importantes e até necessárias para uma boa leitura, e por consequência, uma boa interpretação.

Depois de quebrar o paradigma de que o texto é apenas “tudo aquilo que é escrito”, congruentemente definimos como *texto* sendo tudo aquilo que é dotado de sentido para se transmitir uma ideia. A linguística o separa em dois aspectos: o primeiro, mediante a perspectiva construtiva (ou seja, narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo e expositivo), definido assim de acordo com sua tipologia; o segundo, com suas mais va-

riadas formas, ou seja, o gênero a que pertence, que é enquadrado de acordo com sua utilização no contexto comunicativo em que os interlocutores estão inseridos.

Desde artigos acadêmicos, passando por epopeias, romances, novelas, contos, crônicas, até o mais simplório bilhete, os gêneros textuais são escolhidos de maneira a se adaptar melhor àquilo que se tem intenção de transmitir.

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos. (MARCUSCHI, 2002, p. 03)

Para tanto, essa produção comunicativa deve ser norteadada por um princípio de compreensão de seu conteúdo. Pois, sendo o texto construído por elementos usados como conectores, estes precisam estar articulados de forma harmoniosa para que o sequenciamento das ideias se mostre de modo lógico, é o que se chama de coesão. Da mesma forma e com a mesma relevância, a coerência consiste na necessidade da uniformidade lógica dessas ideias amarradas. Assim, independente da forma como se apresenta, tipologicamente ou em determinado gênero, o texto deve ser coeso e coerente.

Um texto será coerente, quando nele não houver nada ilógico, desconexo, contraditório, não solidário; quando suas partes mantiverem compatibilidade, continuidade de sentido umas em relação às outras [...] enquanto a coesão, por sua vez, diz respeito à ligação das frases ou orações do texto, por elementos que garantem sua concatenação ou retomam o que foi dito. (PLATÃO & FLORIN, 2001, p. 13)

Contudo, devido a alguns recursos linguísticos em que informações são expressas informalmente, de modo implícito, pode haver dificuldade de interpretação, uma deficiência oriunda de uma leitura realizada sem os recursos necessários à apreciação do texto. Para José Marcos de França (2012, p. 21) “A leitura é um processo que, dentro dos preceitos das teorias pragmáticas, implica reconhecer os implícitos e fazer inferências que determinado texto possibilite”. Observa-se assim, que se a leitura não ocorre desta forma, em um processo analítico, buscando seu conteúdo de forma integral, entende-se que houve uma ruptura no pro-

cesso de aprendizagem do leitor, ou seja, em sua formação enquanto leitor.

Desta forma, conseguimos reconhecer a dificuldade de construir leitores eficientes. No Brasil, isto se dá de uma maneira mais irregular ainda, já que não estamos acostumados tradicionalmente com essa formação. Assim, é papel dos educadores, localizar e sinalizar qual fragmento da máquina produtora de leitores pode estar falhando, com relação à interpretação. Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) evidencia falhas no processo de formação de professores, que tem sido objeto de políticas públicas resumidas às palestras ou cursos sobre inovações pedagógicas que acentuam o papel do aluno na construção de seus saberes.

Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009, p. 263) ainda nos revela as resistências do professorado às orientações correspondentes ao ensino padronizado. “A situação se complica, entre outros motivos, porque as oportunidades oferecidas aos integrantes do magistério, ao se graduarem no ensino superior, consistem em cursos aligeirados”. Entende-se assim, que o desenvolvimento do aluno leitor deve ser permanente, começando na educação básica e passando por uma estrada que deve ser contínua até a formação acadêmica, observando ao longo dessa jornada habilidades de desvendar o texto em sua totalidade.

Percebemos assim, que a falha na formação de leitores eficientes se dá em parte pela deficiente formação dos professores, sendo eles os principais agentes na função do aprendizado da leitura e interpretação de textos. Teresa Colomer (2002) admite que o processo de construção de interpretações a partir de leituras é uma questão bem “espinhosa”, no que se refere aos elementos analisados sobre os fenômenos mais simples da capacidade de absorver a informação. Logo, uma formação bem sedimentada, com professores preparados para essa missão, se mostra essencial para formação de bons leitores, ainda na escola.

Em sua pesquisa sobre a formação do leitor, Teresa Colomer (2002) escreve que a partir da década de 1980, através de estudos cognitivos, surgiu um olhar mais atento para o processo ineficiente de formação de leitores realmente competentes, desde buscaram-se novas perspectivas na construção do ensino da leitura, com objetivo de criar leitores perscrutadores. Contudo, sabemos que o processo de interpretação de textos, ou seja, o progresso do aluno como leitor eficaz, depende de fatores que vão além do conhecimento das palavras, ou da capacidade de conectá-las gramática ou semanticamente de maneira correta.

A leitura elucidada dependendo do gênero, adicionado aos recursos empregados pela intenção do autor requer um prévio conhecimento de mundo, de forma que somente inserido no universo comum ao que se propõe transmitir através do texto seja possível sua interpretação absoluta.

Um texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Por isso, ele revela ideias, anseios, expectativas, temores, enfim uma visão de mundo da formação social em que está o seu produtor. Por essa razão é um objeto integralmente histórico, não no sentido de que narra os acontecimentos de sua época, de que nos mostra os ideais e as concepções presentes numa dada sociedade. (PLATÃO & FIORIN, 2001, p. 15)

Assim, sem o conhecimento prévio da intertextualidade presente, um texto pode não conseguir transmitir satisfatoriamente sua mensagem, ressaltando que não são apenas os elementos linguísticos que resultarão na compreensão do texto, mas principalmente os elementos extralinguísticos os farão de maneira eficiente. Deve-se observar que os fatores extralinguísticos, intencionalmente são usados quando se quer atingir o receptor de uma forma exclusiva.

Ao lidarmos com as marcas implícitas presentes nos textos, nosso conhecimento extralinguístico terá um papel importantíssimo na empreitada de percepção desses recursos utilizados de maneira indireta. Essas marcas podem acentuar a ineficácia do leitor como interpretador quando a opção do gênero textual selecionada para transmitir a proposta comunicativa não dispõe de uma atenção prévia de seu conteúdo transmissor de mensagens.

Observa-se assim, que a identificação dos implícitos faz parte da interpretação e compreensão de um determinado texto. José Marcos de França (2012, p. 63) conceitua “A ideia de implícito em um texto, como aquilo que está presente pela ausência, ou seja, o conteúdo implícito pode ser definido como o conteúdo que fica à margem da discussão porque ele não vem explicitado no texto”. Assim, reconhecer os implícitos presentes no decorrer da leitura requer do leitor o reconhecimento de seu papel como leitor capacitado por uma leitura prática, consciente e não intuitiva. Acima de tudo buscando os recursos que o texto tem para oferecer, como os pressupostos e subentendidos e não apenas o posto, visível, que é apenas a escrita verbal direta.

O gênero textual letra de música é um meio de comunicação, que por razões estilísticas ou necessárias, pode se mostrar carregadas de implícitos, para exercitar a habilidade de interpretação de quem já passou

(deveria ter passado) pelo aprendizado disponibilizado nas fases iniciais da educação, os universitários, que teoricamente, durante suas trajetórias de ensino fundamental e médio acumularam conhecimento de mundo para interpretação de tais recursos. Conclui-se deste modo, que um leitor/ouvinte necessita do reconhecimento de todos os elementos explícitos e implícitos, somados à sua base extralinguística, para uma eficiente interpretação de um determinado texto.

Todos os textos apresentam explicitamente certas informações e, ao mesmo tempo, transmitem outras de maneira implícita. Os implícitos da linguagem dividem-se em pressupostos e subentendidos. Informações implícitas são aquelas que o texto parece não dizer, mas diz. O leitor precisa, para compreender bem o sentido de um texto, entender tanto o que é afirmado de modo explícito, quanto o que é dito implicitamente. Um bom leitor é o que sabe ler nas entrelinhas, pois, se não o fizer, corre o risco de não apreender exatamente o que se quis dizer ou de concordar com pontos de vista que, tornado explícito, rejeitaria. (PLATÃO & FIORIN, 2001, p. 169)

Deve-se levar em consideração que a música além de se encontrar muito presente, não apenas no dia a dia do aluno como cidadão dotado de senso crítico para apreciar ou rejeitar seus conteúdos, ela também é muito utilizada como objeto de estudo e análise na educação básica e média por possuir o recurso de disponibilizar os mais variados temas presentes na sociedade atual e anteriores. As letras de música permitem o desenvolvimento de leituras críticas com interpretações favorável ou contrária a um assunto/tema construindo leitores mais atentos. Visto que, muitos compositores utilizam-se deste gênero como uma linguagem característica para se transmitir a mensagem intencionada, como as letras de música do período Militar no Brasil, que eram compostas expressando, com seus pressupostos e subentendidos, a insatisfação ou a crítica contra o Regime.

Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase [...] Subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação contidas numa frase ou num conjunto de frases. (PLATÃO & FIORIN, 2000, p. 244 e 310)

3. Resultados

A compreensão de determinados elementos linguísticos está condicionada à capacidade interpretativa, variando do modo elementar ao mais apurado nível de conhecimento intertextual de cada ouvinte, ou leitor – uma vez que se comporta como decodificador de uma mensagem expressa através de intenções e construções textuais com um fim objetivo. Vemos assim, a necessidade de um conhecimento de mundo prévio

que determina o êxito na interpretação dos signos linguísticos e extralinguísticos.

Como nos mostra Maria Cecília de Oliveira Micotti (2009) a interpretação de texto é esperada e avaliada em todos os níveis e etapas de ensino, começando desde a primeira infância, isto é, no processo inicial de compreensão de imagens e sons e vai até o último momento de lucidez do indivíduo.

Na letra "O Meu Guri" (1981), os entrevistados responderam sete (7) perguntas a respeito do entendimento do texto, todas elas tendo como chave de interpretação o reconhecimento de implícitos e pressupostos. Vale ressaltar que o compositor de "'O Meu Guri'", Chico Buarque, apesar de ter vivido intensamente o período da ditadura, ao escrever esta canção, em 1981, usou recursos linguísticos não por necessidade e sim por estilo.

A primeira pergunta do questionário era: "1 – *Quem é o eu lírico e qual o seu grau de instrução?*". A expectativa de resposta era: "a mãe do Guri, que é analfabeta". Verifica-se a resposta nos seguintes versos e estrofes:

Quando seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar[...]

Verifica-se que o Guri é filho do eu lírico ("meu rebento"). Não temos o sexo definido, mas pelo conhecimento de mundo, observa-se que o compositor se refere às milhares de mães brasileiras que têm seus filhos sem o apoio do pai/parceiro. Nesse caso específico o texto ainda sugere que ele tenha nascido prematuro.

Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave caderneta, terço e patuá

Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar

Nessa estrofe observa-se que a mãe não tem documentos de identificação. Implicitamente o compositor nos revela que ela é provavelmente analfabeta, pois quem estuda necessita de documentos para se matricular na escola. A não ser que ela seja autodidata, o que se verifica não ser o caso. Apenas três (3) entrevistados dos sete (7), responderam de acordo com as expectativas. Um (1) respondeu ser o pai analfabeto, como eu lírico; dois (2) responderam ser o pai, mas não souberam identificar o grau

de instrução; um respondeu que o eu lírico era o próprio Guri que é formado na faculdade.

As duas perguntas seguintes eram: “2- *Qual a profissão do Guri?*” E 3 – *O que o eu lírico pensa sobre o Guri?*”. A expectativa de resposta era: 2 – “*ladrão.*” E 3 – “*ela sente orgulho do filho*” A resposta se encontra em:

Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro [...]

Chega estampado, manchete, retrato[...]
O Guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço!
Ele disse que chegava lá... olha aí!

Nesses trechos observa-se o pressuposto que o Guri trazia objetos roubados e dava-os de presente para sua mãe, como bolsa e corrente de ouro, pois ele não teria como conseguir esses objetos de outra forma. Percebe-se também o orgulho da mãe pelo fim do filho na capa do jornal. Para a pergunta 2, quatro (4) entrevistados responderam que o Guri era ladrão; dois (2) responderam que era desempregado, sem profissão; um (1) respondeu que o Guri era advogado. Para a pergunta 3 todos os sete (7) entrevistados responderam, cada um a sua maneira, que a mãe sentia orgulho do filho.

As perguntas 4 e 5 eram, respectivamente: “4 – *Quem poderia ser esse tal ‘moço’?*” e 5 – *Qual a idade do Guri?*”. As respostas esperadas eram: 4 – “*um policial ou repórter*” e 5 – “*menor de idade*”. Pode-se analisar a resposta 4 no contexto geral da história, pois trata-se de um conversa que a mãe tem com alguém que ela não conhece e, que devido ao fim de seu filho, foi ao seu encontro. Portanto, supõe-se que é um policial ou um repórter do jornal. Já a resposta 5 verifica-se no seguinte trecho:

Chega estampado, manchete, retrato
Com vendas nos olhos, legenda e as iniciais [...]

O fato de ter venda nos olhos na capa de um jornal revela o pressuposto que o Guri era menor de idade. Na pergunta 4 apenas dois (2) entrevistados responderam que o “moço” se trata de um policial; dois (2) responderam que seria um transeunte; um (1) que era o jornalista da

banca na qual ela viu o jornal; um (1) respondeu que seria o pai do menino; um (1) que era o próprio filho da mulher.

As duas últimas perguntas do questionário foram: “6 – *Que fim levou o Guri?* E 7 – *Qual a crítica presente no texto?*”. As expectativas de resposta se dão pelo entendimento geral do texto, algo implícito e, portanto, não óbvio e claro. Para a pergunta 6, apesar de não termos uma resposta fechada, por conhecimentos extralinguísticos e experiência de vida sabemos que quando alguém aparece na capa de um jornal com vendas nos olhos está implícito que esse indivíduo foi preso ou morto pela polícia. Pode-se notar isso nas duas últimas estrofes do texto:

Chega estampado, manchete, retrato
Com vendas nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais

O Guri no mato. Acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço!
Ele disse que chegava lá... olha aí, é o meu Guri!

Para a resposta 6, três (3) entrevistados responderam que o Guri foi preso, dente eles, um acrescentou que o Guri fugiu da cadeia; dois (2) afirmaram que ele havia morrido; um (1) que respondeu somente que o fim foi trágico; um (1) não soube responder. Para a pergunta 7, a resposta seria: a crítica de todo um sistema que leva pessoas sem instrução e condições mínimas de viver a cometer crimes e que por falta de estudos, quem mais poderia repreender tais atitudes, termina apoiando, por total ignorância. Dois (2) entrevistados responderam que a crítica do compositor se dava sobre o pai (eu lírico), que foi irresponsável e omissivo na criação do filho, um dos entrevistados acrescenta que o pai no fim das contas acredita que não errou; um (1) afirma que a crítica é que os pais não conhecem os filhos; um (1) não soube responder; apenas dois (2) afirmaram que é uma crítica à ignorância que cega as pessoas, correspondendo assim à expectativa de resposta.

Assim como em "O Meu Guri" (1981), em "Formato Mínimo" (2003) foram utilizados recursos linguísticos por estilo, por se tratar de uma canção estilizada pelo compositor Samuel Rosa, intérprete e guitarrista da banda mineira Skank, que adota essas características em trabalhos autorais e em parcerias com compositores com mesma proposta de letras de música.

A expectativa em relação ao entendimento de "Formato Mínimo" (2003) foi depositada com seis (6) perguntas aos mesmos entrevistados para canção anterior em dias diferentes. A pergunta 1 do segundo questionário voltada à letra de música de "Formato Mínimo" (2003) foi: "*Para o rapaz (ele), qual a principal característica que a garota devia possuir?*" A expectativa dessa resposta seria: "*Aparência Física*", justificada nos seguintes versos:

Ele reparou nos óculos; Ela reparou nas vírgulas

O pressuposto presente nos versos contrapõe suas avaliações em relação um ao outro. Ela reparando nas vírgulas, sugere uma procura abstrata, sua conversa, seu vocabulário, seu perfil intelectual. Porém ele faz uma análise de aparência, como corpo, cabelo e olhos, o que o levou a reparar nos óculos. Contudo, apenas um (1) entrevistado interpretou nesse sentido com a resposta: "*Beleza*"; um (1) respondeu que "*Procurava Riqueza*", e o restante, ou seja, (5) entrevistados atribuíram os óculos a uma pessoa inteligente.

As perguntas 2 e 3 foram respectivamente: "*Que tipo de relação Ele procurava naquela noite?*" e "*Que tipo de relação Ela procurava naquela noite?*"; tendo a expectativa de que "Ele" procurava alguém só para uma eventual relação sexual, enquanto "Ela" procurava um possível consorte, uma relação à longo prazo, descrito nos versos:

Ela procurava um príncipe; Ele procurava a próxima

O implícito presente nesses versos é interpretado com o conhecimento de mundo onde sabemos que a referência a príncipe não está voltada a um monarca e sim a um homem cheio de qualidades. E a leitura obtida do termo "próxima" é feita presumindo que existiram outras mulheres antes dela. Assim, ele queria apenas mais uma para aquela noite. Diante dessa exposição. Satisfatoriamente, nessas duas perguntas os entrevistados se aproximaram da expectativa da resposta, utilizando palavras soltas. Nas respostas da pergunta 2; três entrevistados responderam: "*Sexo*"; Dois (2) entrevistados responderam: "*Sexo sem compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Alguém para transar*". Nas respostas da pergunta 3; dois entrevistados responderam: "*Amor*"; Dois entrevistados responderam: "*Compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Firmar um compromisso*"; um (1) entrevistado respondeu; "*Um príncipe*".

A pergunta 4 foi feita da seguinte forma: "*Por que para Ela a história foi trágica?*" Esperando a seguinte resposta: "*Porque ela percebeu suas verdadeiras intenções*". Pois Ela percebe que se entregou precoce-

mente, quando ele dormia “apático”, insensível ao acontecimento, ela especula que não significou nada para ele e resolve ir embora. Observado nos seguintes versos:

Ele, enfim, dormiu apático[...]
Ela despertou-se tímida; Feita do desejo a vítima
Fugiu dali tão rápido; Caminhando em passos tétricos.

Um entrevistado respondeu: “*Ela transou na primeira noite*”, e cinco entrevistados aproximaram suas respostas dizendo: “*Porque ele fugiu*” ou “*Porque ele foi embora*”.

A pergunta 5: “*Por que para Ele a história foi trágica?*” É um contraponto em relação à pergunta 4, pois esse paralelo mostra o desfecho de ambos em suas buscas. Na seguinte expectativa de resposta: “*Ele surpreendentemente se afeioou a ela, contudo não a encontrou mais*”. Ou seja, ele não esperava que essa relação fosse diferente das outras, por isso sentiu medo, percebeu que acontecera algo diferente, e declarou-se dela. Com o armazenamento interpretativo que ela fugiria, então quando ele acordou apaixonado, já não a tinha mais. Exposto nos seguintes versos:

O medo redigiu-se ínfimo; E ele percebeu a dádiva
Declarou-se dela o súdito; Desenhou-se a história trágica

Dois entrevistados responderam aproximando-se da expectativa com as seguintes respostas: “*Porque não queria apenas aquela noite*”; “*Porque ele se viu envolvido por ela*”; porém as outras respostas variaram adversamente: “*Por ter usado a menina*”; “*Porque sentiu medo*”; “*Porque sentiu se só*”; e “*Não queria fazer aquilo*”.

A última pergunta: “*O que é o Amor em seu "Formato Mínimo"?*” Com a expectativa de resposta de que: “*É o relacionamento sem nenhuma perspectiva de compromisso*”. Observada durante o decorrer da canção, e melhor exposta nesses versos:

Para ele, uma transa típica; O amor em seu formato mínimo

A pergunta 6 foi respondida de formas variadas, contudo aproximando de uma maneira geral do sentido intencional de exposição da canção. As respostas foram as seguintes: “*Uma relação sem amor*”; “*Sem muito aprofundamento*”; “*Uma transa típica*”, “*Uma Transa apenas*” e “*É no mínimo respeitar um ao outro*”.

4. *Análise de resultados*

Ao analisar as respostas referentes ao questionário da canção "O Meu Guri" (1981), nota-se uma grave deficiência no reconhecimento de elementos linguísticos fundamentais para o entendimento do texto. Implícitos e pressupostos estão presentes em quase todos os textos que nos deparamos no dia a dia, principalmente na língua falada. A leitura que passa direto por esses elementos, sem ao menos reconhecê-los, serve como um desserviço à leitura. Pois de fato, é melhor não ler um texto do que o ler sem se entender por completo as intenções do autor. Uma interpretação pela metade não pode ser considerada uma interpretação de fato.

Deixar escapar certos tipos de informação em um texto é mais do que natural, afinal, às vezes, nem mesmo o autor consegue entender tudo o que ele construiu, pois sabe-se que um texto só se dá por completo quando chega-se ao destino final, o leitor. Ainda assim, certos elementos não podem cair nesse esquecimento, do contrário o texto não atingirá seu objetivo final, passar uma mensagem. Implícitos e pressupostos estão nesse grupo que não pode ser deixado de lado.

Com a análise dos resultados do questionário, pode-se perceber, que os futuros professores não estão preparados para ensinar as técnicas e conceitos de leitura e interpretação de texto, afinal nem eles conseguem reconhecer, em sua maioria, as bases que compõem uma leitura eficaz. Como nos mostra Eliane Yunes (1995), metade da população brasileira não gosta de ler, a outra metade não lê porque não sabe. Isso é grave no sentido de que sem a leitura correta, a sociedade como um todo, não evolui. Vemos, portanto, que as graves falhas, no que deveria ser uma leitura bem sedimentada por parte de universitários, aspirantes ao magistério, refletirão em sala de aula, com os alunos, novos leitores.

Analisando o segundo questionário, referente à canção "Formato Mínimo" (2003), observamos que na pergunta 1, quando os entrevistados responderam que ele estava procurando alguém inteligente, notamos que existe uma leitura de mundo equivocada em atribuir inteligência a alguém que usa óculos. Essa interpretação buscou mais recursos externos do que os recursos presentes no próprio texto. As respostas da pergunta 2 e 3, apesar de estarem próximas às expectativas, mostra a inabilidade dos alunos em elaborar respostas persuasivas ao questionador.

O resultado obtido na interpretação do texto em relação à pergunta 4 mostra a dificuldade dos entrevistados de retomar elementos linguísticos presentes no decorrer do texto. Pois sempre o autor faz referência a

“Ele” e “Ela”, atribuindo-lhes as situações ou acontecimentos. Os alunos não observaram que quando o compositor diz “fugiu dali”, ainda está se referindo a ela. Assim, erroneamente interpretando que quem foi embora foi ele e não ela. Na pergunta 5, com exceção de dois entrevistados, que se aproximaram da expectativa, o restante usou elementos isolados do texto como as palavras “medo” e “solidão” para responderem suas perguntas. E finalmente, a pergunta 5, excepcionalmente teve a resposta alcançada de forma eficaz, coerente com o perfil os entrevistados, mas ainda com a sensação de ausência de interesse em fundamentar suas respostas.

5. Conclusão

Pode-se considerar que pelas letras de música, em sua grande maioria, serem apenas cantadas melodicamente, elas não recebam a devida atenção ao seu conteúdo escrito, suas intenções subentendidas ficam em segundo plano numa avaliação não tão profunda. Os entrevistados tiveram acesso ao texto da canção por escrito e tempo para a análise; ainda assim o resultado da interpretação se mostrou aquém do esperado para o público em questão.

Diferentemente de outros períodos, como por exemplo, no Governo Militar do Brasil (1964-1984), onde as letras de música precisavam passar pelo crivo da censura, levando alguns compositores a usar como recursos os implícitos e subentendidos para ludibriar a avaliação dos militares, os compositores mais recentes, usam por vezes, os mesmos recursos, agora como proposta de estilo. Apesar de serem universitários, nota-se o pouco reconhecimento desses recursos por parte dos entrevistados. Pois se esperava um desempenho mais apurado em vez de deficiências nas leituras. Pois se supõe que universitários, principalmente os do curso de letras, tenham contato com leituras que requerem mais atenção e interpretação, por estarem em meio acadêmico. Teresa Colomer (2002) observa que leitores que não possuem um conhecimento aprofundado sobre as mediações culturais do mundo e da leitura, não conseguem construir um discurso sobre a obra lida.

Assim pôde-se perceber pelas respostas dos entrevistados que existe uma rachadura na capacidade de interpretação de textos, quando se trata de gêneros mais exigentes ou dotados de recursos que fogem à normalidade dos intérpretes menos acostumados a uma leitura feita por um modo analítico. Conclui-se que a leitura e a interpretação vêm sendo tra-

balhadas de forma mecânica e pouco ligadas á realidade da leitura e da escrita. Vivemos um momento de frequente exposição à leitura, com muitos livros e textos em diversos canais, porém a técnica para decifrar a leitura está ficando de lado, principalmente nas universidades, que deveria ser o lugar onde pretensos professores aperfeiçoassem sua habilidade de leitura e interpretação de textos. Como nos mostra por fim Eliane Yunes (1995):

A relação entre ler e prazer tem sido, nos últimos anos, valorizada, depois de décadas em que se falou em criar o hábito da leitura, como se bastasse automatizar um gesto e executá-lo sem maior atenção, como quem, dirigindo um carro, aperta pedais e passa marchas. (YUNES, 1995, p. 1)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, Chico. *O meu guri*. Álbum: Almanaque. Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/66513/> Acesso em: 08 de junho de 2017, 20:31h.

COLOMER, Teresa. *La formación del lector literário*. Barcelona: FGSR, 1998.

_____. *A formação do leitor literário*. Trad.: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2002.

FRANÇA, José Marcos de. Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, Itabaiana, ano VII, vol.16, p. 61-75, jul-dez de 2012.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. *Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROSA, Samuel. *Formato mínimo*. Álbum: Cosmotron. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/skank/70853/> Acesso em: 08-06-2017.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato para o concurso de admissão à carreira de diplomata – português*. São Paulo: Ática, 2001.

YUNES, Eliane. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Letras*, Curitiba: UFPR, n. 44, p. 185-196, 1995. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3051/Leitura_e_leitorYUNES.pdf.